

Teko Porã, Bem Viver e Saúde: algumas perspectivas para trabalhar com concepções ampliadas de cuidado em saúde

Maria Gabriela Curubeto Godoy: Saúde Coletiva - UFRGS

Camilla Alexsandra Schneck: Enfermagem - UFRGS

Acadêmicas de Saúde Coletiva: Lara Yelena Werner Yamaguchi e Ana Paula Blankenheim

Acadêmicos de Agronomia: Roberta Carolo e Tiago Fedrizzi

Acadêmica de Nutrição: Mariana Espíndola Robin

O Programa Teko Porã, Bem Viver e Saúde, iniciado em 2014 como ação de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), propõe atividades que estimulam o repensar da relação que as pessoas mantêm consigo mesmas, com os outros, com a natureza e o mundo. Baseado em uma concepção ampliada de saúde, o programa inclui práticas integrativas e complementares (PICs), práticas populares de saúde, bem como ações de educação popular e promoção da saúde, focando populações vulneráveis, como a população em situação de rua, além de atividades abertas para a comunidade em geral.

Fundamentação teórico-metodológica

Teko Porã significa “Bem Viver” em guarani, e representa uma cosmovisão ancestral, que prima pela realização plena da vida no planeta em muitas culturas originárias. Através do “Bem Viver” se reconhece a importância da interação e interdependência entre o ser humano, a natureza e o cosmos. Esta concepção favorece uma relação contemplativa/integrativa/ativa com o mundo ante um modelo de crescimento e desenvolvimento econômico, científico e tecnológico que exaure as pessoas e degrada o planeta (ACOSTA, 2016).

A noção de cuidado aqui dotada concebe este como sendo composto por bases racionais e,

também, como fonte de amorosidade, responsabilidade, solidariedade, cooperação, criatividade, sustentabilidade e integração social (BOFF, 1999). Dessa concepção de cuidado derivam noções ampliadas e multidimensionais de saúde, que incluem aspectos biológicos, psicológicos, sociais, espirituais e outros. Na perspectiva do Bem Viver, o cuidado apresenta, pelo menos, duas dimensões: uma ontológica e outra processual. A dimensão ontológica, compreende o cuidado como pré-ocupação fundamental do existir humano, uma abertura originária de sentido que ilumina o que lhe vêm ao encontro, ao mundo, e ao outro (HEIDEGGER, 2004). Na dimensão processual, o cuidado é relacional, gerando um processo de “circularidade do cuidado” (GODOY et al., 2012) que perpassa o “cuidado de si”, o “cuidado do outro” e o “cuidado do mundo” (MARIOTTI, 2002). Cria-se assim, um movimento sistêmico instigador de novos agenciamentos possíveis. O cuidado de si e o cuidado do outro produzem, segundo Baggio, Erdmann (2015), um cuidado do nós/ de nós, de ordem intersubjetiva, o que é fundamental no campo da saúde.

Como bem imaterial, o cuidado circula socialmente, tomando o sentido de “dádiva”, em uma lógica anti-utilitarista que constitui um sistema de reciprocidade interpessoal



Quadro 1 – Representação da circularidade do cuidado.
Fonte: Adaptado de Mariotti, 2002; Baggio, Erdmann, 2015.



Figura 1 - Cartaz da exposição da EPA. Créditos: Lara Werner

onde dar-receber-retribuir desloca a primazia do Estado e do mercado como detentores e moduladores da maior parte das relações sociais (MAUSS, 2003), possibilitando experienciar uma lógica de “não-mercado” nas relações, e a emergência de uma ética da solidariedade e do cuidado. Nessa perspectiva, o desafio é de cuidar de si sem deixar de cuidar do outro e do mundo, acolhendo as diferenças e singularidades de pessoas, grupos e populações, sem desconsiderar

as contradições e conflitos inerentes às relações sociais. O Quadro 1 é uma mera ilustração limitada desse processo complexo.

Resultados

Entre os resultados alcançados pelo Programa Teko Porã em 2016, destacam-se a exposição: “E do Barro fez-se a Vida: Arte, Memória e Resistência da Escola Porto Alegre” (EPA); a Horta Agroecológica da EPA; a organização do acervo virtual de obras da EPA; a composição de uma rede intersetorial de cuidados à população em situação de rua; e a continuidade de um grupo de meditação semanal aberto ao público em geral na Unidade Básica de Saúde (UBS) Santa Cecília. Apresentaremos, a seguir, as duas primeiras experiências acima citadas: a exposição e a horta da EPA.

Exposição da EPA

A EPA, Escola Municipal de Ensino Fundamental e de Educação para Jovens e Adultos (EJA), foi criada em 1995, e atualmente atende jovens e adultos em situação de rua e vulnerabilidade social. O projeto pedagógico da EPA, de base freiriana, caracteriza-se pela promoção de direitos e cidadania. Através de seu Núcleo de Trabalho Educativo (NTE), desenvolvem-se oficinas de cerâmica e papel artesanal.

As obras artísticas criadas pelos estudantes da EPA mobilizam e afetam não apenas pela sua autoria – pessoas em situação de rua – ou por sua qualidade estética, mas também pela capacidade em estabelecer um diálogo simbólico e temporal com outra experiência de extrema relevância histórica: o trabalho realizado nos ateliês de terapia ocupacional coordenados por Nise da Silveira, onde “criações de si”, surgidas da emoção de lidar com matérias tentam “reconstruir uma realidade psíquica habitável” (DIONISIO, 2012; FRAYSE-PEREIRA, 2003).



Figura 2 - Exposição da EPA. Créditos: Guilherme Santos, Jornal SUL 21



Figura 4 - "Fecundar a terra" (ponte entre mundos). Créditos: Maria Gabriela C. Godoy



Figura 3 - "Afagar a terra" (Canteiro em espiral). Créditos: Maria Gabriela C. Godoy



Figura 5 - "A propícia estação" (a colheita). Créditos: Roberta Carolo

Realizada em outubro de 2016 na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, a exposição apresentou criações em cerâmica, papel artesanal e xilogravuras. Visibilizar a população em situação de rua através da arte é mostrá-la por sua potência criativa, o que pode contribuir na renovação de sonhos individuais e coletivos, nutrindo o que nos torna humanos de modo a não subsumir à impossibilidade de aceitar o outro, o aparentemente diferente, como o que vive na rua e que em tantos aspectos é um espelho de nós mesmos e daquilo que não queremos ver. As vivências artísticas possibilitam, portanto, estabelecer pontes entre mundos nem tão distantes entre si. Como promotora da saúde e de

cuidado, a arte contribui para o fortalecimento do autoconhecimento, e o protagonismo maior dos estudantes.

Horta Agroecológica da EPA

Iniciada em 2016, a horta da EPA representou a retomada dessa atividade na escola. Através de oficinas semanais, o trabalho com a terra e as plantas possibilita observar a temporalidade cíclica da natureza e compreender aspectos frequentemente observados em populações excluídas e vulneráveis, como: o imediatismo, as frustrações recorrentes de necessidades básicas,

a intensificação do lado trágico da vida, a grande criatividade, e as estratégias diversificadas de resiliência e sobrevivência. O contato com a terra possibilita a confluência de dimensões objetivas e subjetivas do cuidado: o cuidado das plantas simbolicamente remete ao cuidado de si e permite acompanhar a delicadeza da vida, que se expressa na alegria cotidiana ao ver o crescimento das plantas semeadas, ou lidar com a frustração daquilo que não vingou. A horta possibilita, também, o exercício de uma ação coletiva, com um trabalho em equipe no qual devem ser elaboradas mediações entre interesses e formas de participação diversos.

Entre os desafios vivenciados, encontra-se o de adequar o processo metodológico das oficinas às características e necessidades observadas nos estudantes da EPA, que respondem de maneira mais efetiva a trabalho com projetos, a atividades práticas e concretas, a oficinas de meio turno, e a uma temporalidade que deve estar bem ajustada ao manejo grupal, de maneira a evitar a dispersão gradual.

Além dos resultados previamente esperados,

também decorreram dessa experiência a aproximação entre estudantes da EPA e vizinhos do entorno, através das oficinas sempre abertas à comunidade, e a articulação interdisciplinar entre estudantes e professores da universidade e da comunidade escolar.

Considerações Finais

Como fio condutor da urdidura de experiências alinhavadas pelo programa Teko Porã, distinguem-se o vínculo, o olhar atento, o diálogo, a escuta, a capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, e o convívio receptivo com a alteridade do grupo. As atividades desenvolvidas têm possibilitado a construção gradual de um processo de circularidade do cuidado onde, simultaneamente, o cuidado de si, do outro, do/de nós e do mundo, se desenvolvem e articulam. A receptividade e abertura oportunizadas por cenários de práticas como a EPA e a UBS Santa Cecília, possibilitam experimentar projetos de promoção da saúde direcionados para a valorização da autonomia e protagonismo dos envolvidos em relação a diversas formas de cuidado. ◀

Referências

- ACOSTA, A. **O Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Ed. Elefante, 2016.
- BAGGIO, M.A.; ERDMANN, A.L. A Circularidade dos Processos de Cuidar e Ser Cuidado na Conformação do Cuidado “do Nós”. **Revista de Enfermagem Referência**. Série IV - n.º 7 - out./nov./dez. 2015, pp.11-20.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano. Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DIONISIO, Gustavo Henrique. **O Antídoto do Mal: crítica de arte e loucura na modernidade brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012.
- FRAYZE-PEREIRA, João A.. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estud. av., São Paulo**, v. 17, n. 49, p. 197-208, dez. 2003.
- GODOY, M.G.C.G.; VIANA, A.P.F.; VASCONCELOS, K.A.G.; BONVINI, O. O Compartilhamento do Cuidado em Saúde Mental: uma experiência de cogestão de um Centro de Atenção Psicossocial em Fortaleza, CE, apoiada em abordagens psicossociais. **Saúde Soc. São Paulo**, v.21, supl.1, p.152-163, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 13º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. v. 1.
- MARIOTTI, H. O viver. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (São Paulo). **Acolhimento: o pensar, o fazer, o viver**. São Paulo: Palas Athena: Unesco, 2002.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.